

Voices», uma meditação Wellsiana sobre a Cidade e o Império do britânico Tom Williams.

George Orwell e *Nineteen Eighty Four* foram de (raramente) centro de atenção a mero pretexto, por vezes mera referência/reverência no início ou final duma comunicação, o que não surpreende, se se pensar que *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro* é um romance mediocre dum jornalista notável, que, pretendendo ser um aviso, foi arrastado, por homonímia com 1984, para o campo mítico da profecia e como tal tratado e maltratado por toda a espécie de leitores (dos que o leram e dos que o não leram). Além da comunicação de B. Crick, o romance de Orwell foi de facto objecto de análise do texto de Elisabeth Maslen, que falou precisamente da projecção das mais conspícuas distopias escritas no nosso século (*Nós*, de Zámjatin, *Brave New World*, de Huxley e a ficção de Orwell) na realidade quotidiana dos seus leitores; o dinamarquês Ronnov-Jessen comparou os modos de resistência cultural em *Nineteen Eighty Four* (a escrita dum diário) e no *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury (a feiticização da literatura, simbolizada pelos livros aprendidos de cor). E, inevitavelmente, falou-se também do Newspeak, de linguagem e controlo político (Tom Shippey), de meios de comunicação de massa.

As restantes comunicações foram um desfiar de temas e/ou autores caros à investigação em ficção científica: a feminina e feminista (Marleen Barr), a epistemologia (Lyau), a literatura apocalíptica (Spinks), a tecnologia — a máquina antropomórfica ou o homem mecanomórfico — e a distopia (G. Beauchamp).

Não eram muitos os presentes — poucos mais que os conferencistas; mas esse ar de «reunião de família» mais facilitou as discussões informais e trocas de impressões sobre «the state of the art» — os contactos e conhecimentos multiplicaram-se apesar do número restrito de cidadanias presentes — além de britânicos e americanos, um dinamarquês e este vosso lusitano noticiarista.

Não consta ainda que haja no próximo ano um desdobramento europeu da Conferência Eaton; mas, a juntar às boas impressões deixadas pela conferência «1984: The View from Two Shores» deve-se acrescentar a já anunciada publicação para breve duma selecção das comunicações aí apresentadas que Slusser, Rabkin e Greenland editarão, a exemplo do que tem sido feito em anos anteriores.

José Manuel Mota

O V ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE ESTUDOS ANGLO-AMERICANOS

Entre os dias 4 e 6 de Maio de 1984, realizou-se, em Braga, o V Encontro da Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos, subordinado ao tema «Literatura-Teoria-Educação».

Estiveram presentes docentes das Universidades do Minho, dos Açores, de Aveiro, de Coimbra, do Porto, de Lisboa, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, bem como alguns docentes do Ensino Secundário e Preparatório, cujo número se deseja e espera ver aumentar (presentes, este ano, elementos da Escola Secundária Carolina Michaelis, Porto; da Escola Se-

cundária n.º 2 de Matosinhos; da Escola Secundária n.º 2 de Ovar; da Escola Secundária Garcia da Orta, Porto e da Escola Preparatória Mesão Frio).

Como convidados, estiveram Bruce Guernsey (Senior Fulbright Lecturer, Porto), Clive Taylor (Director Regional do Norte do British Council, Porto), Thomas Inge (Professor — George Washington University, Washington D. C.) e Wallace Keiderling (Adido Cultural da Embaixada dos Estados Unidos).

As comunicações apresentadas estiveram a cargo de Thomas Inge («Characteristics of Southern Literature»); de João Ferreira Duarte, que nos falou, da forma interessante que já lhe é peculiar, «De como se fixa a ficção»; de Christopher Rollason («Nature, Culture and Education in the British Romantic Poets»); de José Luis Gonçalves de Araújo Lima («Literatura: Apre(e)nder o Real»); de Bruce Guernsey, que teve que se haver com o cepticismo geral quanto à possibilidade, por de mais aceite nas universidades americanas, de ensinar o que se chama «Creative Writing»; de Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, que, numa prosa belíssima, nos contou da sua experiência da «Aula de Literatura Norte-Americana»; de Alcinda Pinheiro Sousa («A Mítica Ascensão do Saber; Razão ou Imaginação»); de Martin A. Kayman, que, apesar da hora já tardia e do cansaço geral, não abandonou o seu bom-humor e, na sua habitual argumentação inteligente, nos falou de «What d'ya hear, what d'ya say! On language and learning»; de Joseph Eugene Mullin (Teaching American Literature Abroad) e de Clive Taylor («Preparing Future Teachers of English Literature for Secondary Schools»).

As comunicações seguiram-se as habituais trocas de ideias e pontas de vista tão necessárias aos especialistas.

O encontro terminou com a Assembleia Geral, onde além das informações, houve o balanço da actividade da Associação e a marcação do VI Encontro, que se realizará em Lisboa, desta vez subordinado ao tema «Língua, Literatura e Ideologia».

De salientar, a forma hospitaleira com que a Universidade do Minho e, especialmente, os organizadores do encontro receberam os seus colegas, proporcionando-lhes esta agradável e frutífera estadia na cidade de Braga.

A nota triste, marcada pelo recente falecimento do Prof. Moser, não foi, no entanto, possível de apagar. Perdeu a Associação, não só um dos seus fundadores, mas também, um dos grandes especialistas nesta área de Estudos Anglo-Americanos — como referiu Maria Irene Ramalho de Sousa Santos, num momento dedicado à memória deste grande homem de Letras. A melhor homenagem será a continuação do trabalho da Associação, que conta para isso, com a contribuição e o esforço dos seus membros.

Graça Capinha